

Bullying: Problema Mundial em Contexto Infantil*

Camila Araujo de Souza¹

Inez Teresinha Zucatti¹

Mirian Scheffler Correa¹

Patricia Gaspar Mello²

Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha - Cesuca - Faculdade Inedi

Resumo

O propósito deste trabalho é compreender os sentimentos gerados em crianças vítimas de *Bullying*, alertando o quanto é prejudicial para o seu desenvolvimento social e emocional, comparando os comportamentos do grupo que interage com o agressor e o agredido. O estudo foi realizado por seis observações não participativas, onde acompanhamos o horário do lanche de uma Escola Infantil, no município de Cachoeirinha-RS. O grupo de sete crianças oscilava a frequência de participações conforme o decorrer das observações, onde conseguimos observar o comportamento do grupo na presença da vítima e do agressor, somente na presença da vítima e outrora com o agressor. Conclui-se que a vítima sofre sozinha, não procura ajuda e omite as agressões, sua saída apenas salientou que seria mais fácil para ela afastar-se dos colegas e da instituição do que expor os fatos.

Palavras-chave: Bullying; desenvolvimento; crianças em idade escolar.

Bullying World in Context Problem Child

Abstract

The purpose of this work is to understand the feelings generated in children victims of *Bullying*, warning how much is detrimental to their social and emotional development, comparing the behavior of the group that interacts with the aggressor and the aggressed. The study was conducted by six non-participatory observations, where we follow the schedule of a school snack of childhood in the town of Cachoeirinha-RS. The group of seven children ranged in frequency shares according to the course of the observations, where we can observe the behavior of the group in the presence of the victim and the aggressor, only in the presence of the victim and the aggressor once. We conclude that the victim suffers alone, not seeking help omits, aggression and its output only pointed out that it would be easier for her to get away from colleagues and the institution than to expose the facts.

Keywords: Bullying; development; schoolchildren.

Introdução

Bullying é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) considerado tanto a agressões verbais quanto físicas, intencionais e frequentes, que ocorrem sem motivo plausível e evidente, realizadas por um ou mais agressores, com objetivo de intimidar e agredir pessoas incapazes de se defender (Camargo, no prelo).

¹ Estudantes de Psicologia do Cesuca – Faculdade Inedi

² Orientadora

Conhecido mundialmente como um problema encontrado nos locais de interações sociais, o *Bullying* é vivenciado por diversos grupos, porém a discrepância das ações indica as escolas infantis com o maior número de casos. Foi a partir dos anos 90 que o *Bullying* passou a ser abordado no Brasil, tornando-se um assunto da atualidade (Camargo, no prelo).

As agressões acometidas não se limitam ao físico, mas também a agressões verbais, apelidos pejorativos e constrangedores, ameaças e humilhações, que violam a subsistência da vítima. É necessário ressaltar que as agressões geralmente são realizadas fora da supervisão de um cuidador ou responsável (Camargo, no prelo).

Algumas vítimas de *Bullying* sentem-se fortemente culpadas, vivenciando cada agressão sem se manifestar e com o seu desenvolvimento abalado. Possivelmente essas vítimas tenham problemas de sociabilidade, auto-estima baixa, comportamentos agressivos, e em alguns casos podem vir a cometer ou tentar suicídio e até mesmo realizar *Bullying* contra outras pessoas (Camargo, no prelo).

As vítimas de *Bullying* costumam apresentar alguns destes comportamentos ou sintomas: medo, pânico, isolamento, tentativas de suicídio, resistência em ir escola, mau rendimento escolar, atos de auto-agressão e/ou sintomas de ansiedade, alterações do sono, vômitos, síndrome do intestino irritável e cefaléia (Lopes Neto, 2005).

Aqueles que se omitem ao presenciar as agressões, mesmo que não intencionalmente, acobertam o agressor e contribuem com a degradação da vítima. Os agressores na maioria das vezes pertencem a famílias desestruturadas, onde suas vítimas geralmente são aqueles que não teriam condições de cessar e reagir às agressões (Camargo, no prelo).

Foi realizado um estudo para avaliar a prevalência de *Bullying* em três escolas de ensino fundamental de Porto Alegre, sendo duas públicas e uma privada, totalizando 465 alunos. O

presente estudo foi realizado por Claudia de Moraes Bandeira, em sua dissertação de mestrado, com o auxílio de Claudio Simon Hutz, professor titular do Instituto de Psicologia da UFRGS (2012). Foi aplicado um questionário na sala de aula, contendo 15 questões de múltipla escolha, onde os alunos teriam a opção de se identificar como participantes ou não de *Bullying*, obtendo a identificação dos tipos e formas de *Bullying*, bem como a frequência com que ocorrem.

O resultado foi que as meninas são mais vítimas de agressão do que os meninos, e os meninos são mais agressores e vítima/agressores do que as meninas. O estudo demonstrou que os meninos utilizam de socos e empurrões e as meninas mentiras e fofocas. Os possíveis motivos para um colega agredir o outro são o preconceito, falta de respeito, inveja ou ciúmes dos agressores porque eles são impunes ou porque eles “se acham” e possuem sentimentos de superioridade perante os colegas (Bandeira & Hutz, 2012).

Piaget: Construtivismo e o Desenvolvimento Cognitivo Infantil

O Construtivismo é uma corrente teórica que busca a explicação de como a inteligência humana se desenvolve. A teoria Interacionista é composta por ações entre indivíduo e ambiente, o objetivo é entender como a criança elabora as respostas, com enfoque somente na elaboração das respostas, identificando o raciocínio como construído e não inato (Bee, 1997).

O desenvolvimento Cognitivo é um processo de mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas cognitivas. Essas construções determinam um padrão formulado por Piaget, como estágios, que seguem de idades não necessariamente determinadas, onde o importante é obter a sequência da aparição dos estágios e não a idade em que eles aparecem (Bee, 1997).

Através da imitação é realizado um exercício para memória e pensamento, no **Estágio Sensório Motor** compreendido de 0 a 02 anos, seguidamente o **Estágio Pré-operacional** dos

02 aos 07 anos, desenvolve a linguagem e a capacidade de pensar em forma simbólica. O ato de espelho, egocentrismo e irreversibilidade são falhos, sendo considerado Pré porque a criança ainda não domina as operações mentais. Por fim o **Estágio Operacional Concreto** seria dos 07 aos 11 anos aproximadamente, compreende as operações (subtração e adição), a reversibilidade, voltando mentalmente ao ponto de partida (Bee, 1997).

Winnicott: Desenvolvimento do Indivíduo

O teórico propôs que é fundamental que a mãe tenha um papel considerado de mãe suficientemente boa, alimentando a onipotência do lactante, dando força e apoiando ao seu fraco ego e estruturando vida ao seu **Verdadeiro self**. Através do desenvolvimento do *holding* com o acolhimento, acompanhamento e identificação na relação primária entre a mãe e o bebê se obtêm a unidade dual. Por outro lado, a mãe que não é capaz de identificar e complementar as necessidades do lactante, comete falhas inúmeras e repetidas, ela o substitui por seu próprio gesto, identificando os gestos iniciais de submissão de um **Falso self** (Winnicott, 1983).

Winnicott propôs que a lactante em posição de identificar e agradar o bebê consolida um **Verdadeiro Self**, prevalecendo às necessidades de um adulto autêntico e responsável por suas escolhas e seus atos. No entanto o **Falso Self** seria o bebê que se submete a agradar a mãe que não soube identificar suas necessidades na relação primária. Esta encenação inconsciente não se mantém, e surgem as falhas de comportamento, sendo definida em três subgrupos (Winnicott, 1983):

Dependência Absoluta (até 03 meses aproximadamente) o ambiente não faz a criança, em primeiro momento a mãe sozinha seria o ambiente favorável; a **Dependência Relativa** (05 meses aproximadamente) com uma separação gradativa, diferencia a percepção do lactante com o ambiente; definido como **Rumo à independência** (30 meses a 12 anos

aproximadamente) possui capacidade de ser independente, não descartando a possibilidade de recuo desta socialização voltando à dependência (Winnicott, 1983).

Teoria do Apego: Desenvolvimento Social e da Personalidade segundo John Bowlby

Através da estrutura psicanalítica, a teoria aponta a importância do desenvolvimento emocional e cognitivo infantil. O apego é identificado por comportamentos entre a mãe e o bebê. É necessário ressaltar que os padrões de apego se repetem ao decorrer do desenvolvimento, não sendo direcionado unicamente aos cuidadores. Segundo Bowlby, o **vínculo** torna o parceiro importante, não podendo ser trocado por outro, com desejo de manter a proximidade com o mesmo. Os tipos de apegos são:

O **Apego Seguro** torna a mãe referência social onde a criança explora o ambiente na sua presença, no entanto o Apego Inseguro pode ser identificado como **Ambivalente** apresentando comportamentos e emoções simultâneos, como **Evitativo** realizando a rejeição materna, onde interage melhor com estranhos e/ou o **Desorganizado** apresentando comportamentos de raiva e inquietação, sendo extremamente desorganizado (Bee, 1997).

O apego é considerado um vínculo emocional, onde na presença do outro existe uma sensação de segurança e proteção e a importância da ligação emocional para orientar o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança. O primeiro ano de vida define o padrão de apego estabelecido, o mesmo que será repetido no decorrer do desenvolvimento (Bee, 1997).

Objetivo

Obter o entendimento dos comportamentos de uma menina vítima de *Bullying*, da menina que realiza as agressões e dos demais que compõem este grupo sem intervir.

Identificar os sentimentos gerados, comparando ao intermédio de links, entre as observações e teorias de Desenvolvimento Cognitivo, Social e da Personalidade.

Método

Este trabalho foi realizado através de observações não participativas em uma Escola Infantil no município de Cachoeirinha-RS, durante seis encontros, com um grupo de sete crianças de 04 a 11 anos, onde cinco já frequentam a escola e após assistirem a aula na parte da tarde vão para o local lanche, onde já estão os outros dois mais novos que lancham junto aos demais totalizando as sete crianças observadas e a Professora. O trabalho foi executado por alunas do curso de Psicologia do Cesuca e supervisionado pela professora da disciplina. Foram omitidas todas as informações que pudessem identificar as participantes.

Houve mudança do local para o lanche a partir da 5ª observação, pois a escolinha passara por um problema com abelhas no refeitório, realizando o lanche das crianças na área de entrada da sala de atividades. O refeitório possui paredes brancas, o piso marrom, uma mesa de madeira, dois bancos compridos correspondentes ao tamanho da mesa, uma churrasqueira, um tanque e duas entradas uma para a cozinha e a outra para o banheiro. A 5ª e a 6ª observação realizadas na área externa à frente da sala de atividades, uma área coberta, com parede em apenas um dos lados, sendo esta o muro que divide o terreno, o piso é de lajota na cor marrom, a mesa redonda e com oito cadeiras em madeira de tamanho infantil, e uma cadeira de plástico branca em tamanho normal, encostada na parede do muro.

Descrição dos participantes: Moreninha (vítima possui nome fictício) é uma menina negra, com 08 anos, possui inúmeras tranças nos cabelos, os olhos negros, magra e utilizava de vestes e sapatos simples. O Menino (nome fictício) de pele clara, com 07 anos, cabelo castanho claro, liso e curto, olhos castanhos, magro e estatura média. Cabeluda (nome fictício) a mais velha entre o grupo com 11 anos, morena, caucasiana, olhos castanhos,

mantinha os cabelos longos, castanhos e ondulados sempre soltos. Mocinha (agressora possui nome fictício) 10 anos, branca, cabelo castanho, comprido e liso, se vestia com roupas direcionadas a meninas mais velhas, fazendo jus a sua identificação fictícia. Miudinha (nome fictício) 06 anos, era a menor entre as meninas, pele clara, cabelo castanho, utilizava roupas infantis sempre rosa ou lilás. Crespinho (nome fictício) era o mais novo e o mais agitado entre o grupo, com 04 anos, de cor parda, cabelos cacheados curtos, olhos castanhos e covinhas nas bochechas. Branquinho (nome fictício) 04 anos, pele bem clara, cabelos castanho e curto. Professora (nome fictício) negra, com cabelos escuros, cacheados e curtos, um pouco acima do peso, com 32 anos, estatura média e em seus cabelos utilizava acessórios em formato de flores.

Resultados

Observamos o comportamento de ambas (agressora/vítima) junto ao grupo na 1º e 3º observação. Em primeiro momento notamos com clareza, ameaça verbal e deboches no comportamento da agressora. No geral o grupo se omitia ao que estava acontecendo, exceto o Menino que instigava a agressão no 1º encontro.

A vítima reagiu com diferentes comportamentos na 1º, 2º e 3º observação, apresentou sentimento de culpa ao se manifestar a Professora, sem a mesma ter lhe mencionado, frente ao agressor tentou interagir com o mesmo, em momento o ameaçou em contar para a responsável pelo grupo o que acontecerá, saindo da sala na 1º observação, (mas não presenciamos a ação, por não ser no local observado) retorna após 10 ou 15 segundos fora da sala, perguntando a agressora de forma afirmativa “*Por que você me odeia?*” Em contrapartida na 2º observação a vítima estava á frente dos demais, fazia graças e interagia com os mais novos, pois não teria a presença da menina que a inferiorizava frente ao grupo. Já na 3º observação foi exposta ao grupo pela agressora que em momento falou que conversaria com todos exceto com a vítima

esclarecendo aos demais o motivo, *“Porque todo mundo trás lanche, ela não trouxe nada e nunca traz nada!”*, a vítima sai da mesa correndo e se tranca ao banheiro, acreditamos que estaria chorando, devido ao seu rosto quando saiu, mas não podemos afirmar, pois a ação não ocorreu no local observado.

Consolidando a expectativa inicial do estudo a desistência da menina pela instituição, mostra que a vítima desistiu do local antes mesmo que os responsáveis identificassem o problema. As agressões eram realizadas sempre na ausência do cuidador ou responsável, na 3º observação houve um único momento em que a Professora poderia ter identificado o problema, mas a omissão dos fatos e a forma que Cabeluda (a menina mais velha) conduziu a situação fez-se perder quem seria a vítima e quem seria o verdadeiro agressor.

A partir do 4º encontro observamos o grupo e a agressora, os seus comportamentos eram dóceis e cordiais, conversava, interagia e sorria bastante diante ao grupo. Teve três momentos que ressaltam os comportamentos da menina, pois mesmo carinhosa sua personalidade é de presença forte e intrusiva. Na 4º observação se intrometeu na conversa do Menino com a Professora, dizendo para ele *“tem que lembrar de trazer lanche!”* a fala pode parecer sem alternantes, mas a sua expressão corporal e facial apresentavam uma certa autoridade diante dos demais. Na 5º observação a fala *“Tu tá doente, e tá rindo?”* explica seus comportamentos anteriores neste dia, ela prestava atenção na conversa da Professora com Cabeluda e Miudinha que estaria com febre, se demonstrava incomodada com a situação e não interagia sobre o assunto, talvez não soubesse ao certo o que acontecera. E na 6º observação fala para os colegas *“ai gente não é pra tanto, é só um machucado!”* se referindo ao joelho de Miudinha, como se estivesse enciumada, com a atenção que a mesma recebera dos meninos.

Cabeluda apresentava comportamentos mais avançados, conversava e ajudava a Professora com os demais. Por outro lado Branquinho, Crespinho, Miudinha e o Menino apresentavam comportamentos respectivos a suas idades, no entanto Crespinho se destacava por ser o mais levado e tentar fazer graça a todo momento.

Discussão

Observamos *Bullying* em tais momentos: no 1º encontro a agressora insulta e debocha da vítima diante do grupo, tipos de agressões acometidas mostradas no estudo científico por Bandeira e Hutz (2012), no entanto a agressora apresenta um comportamento de não temer ser descoberta, conforme trecho: *o Menino as interrompe “Para... as supervisoras estão nos vigiando!” De forma sincronizada todos nos olham, mas Mocinha vira aponta o dedo e ameaça novamente Moreninha.* Acreditamos que nossa presença em nenhum momento intimidou seus atos, talvez possa ter minimizado, mas não extinguido.

Camargo (no plero) destaca:

(...) Bullying indireto, sendo essa a forma mais comum entre mulheres e crianças, tendo como característica o isolamento social da vítima. Em geral, a vítima teme o(a) agressor(a) em razão das ameaças ou mesmo a concretização da violência, física ou sexual, ou a perda dos meios de subsistência.

Podemos identificar este isolamento nos seguintes trechos: *“Mocinha responde quando o Menino fala com ela, mas imita de forma bem expressiva, gesticulando lentamente para Moreninha que tenta interagir com os dois (...) Mocinha e o menino conversam entre si, enquanto Moreninha os observa...”* 1º observação. E na 3º *“(...) Mocinha inicia o assunto dizendo que conversaria com todos menos com a Moreninha, e imediatamente Miudinha pergunta por que. A menina a olha bem no fundo dos olhos e gesticula nitidamente cada palavra lhe respondendo “Porque todo mundo trás lanche, ela não trouxe nada e nunca traz*

nada!” Podemos claramente notar também na 3ª observação esta exposição do agressor para com a vítima na intenção de humilhação, perante o grupo por não ter colaborado com o lanche coletivo. A forte carga emocional traumática da experiência vivenciada, registrada em seus arquivos de memória, poderá gerar grandes consequências na formação comportamental ao longo de seu desenvolvimento, tornando-o um adulto retraído, tímido, desconfiado e com baixa auto-estima, comprometendo a sua capacidade de antecipação e resolução de problemas (Santos, 2004; Sousa, 2007; Fante, 2005).

Os atos da agressora se caracterizavam mais por deboches e gestos faciais, onde intimidava a vítima, na 3ª observação o trecho “*A Mocinha alisa o cabelo e enrola uma mecha gesticula e faz caretas para a Moreninha que abaixa a cabeça.*” mostrando mais uma vez a forma que a agressora afeta a subsistência da menina.

A degradação da vítima pela agressora não nos transpareceu um motivo plausível, observamos que a menina seria a única negra do grupo, exceto a Professora que hierarquicamente seria superior a eles e suas vestes eram mais simples. Podemos considerar a repercussão do lanche coletivo, que segundo o relato da agressora e da Professora diante 3ª observação ela não contribuiria, como os demais (talvez por condições financeiras) e também o fato de ser dois anos mais nova, que a agressora, apesar da sua alta estatura.

A vítima apresentou comportamentos opostos em diferentes ocasiões diante do grupo, mesmo sendo acometida a situações de desconforto, tentou interagir com a agressora e com os demais na 1ª observação. A menina formulava suas atitudes conforme a situação e a presença dos colegas, na 2ª observação “*Moreninha batia com o waffer olhando o farelo que saia do biscoito se espalhar sobre a mesa, enquanto Crespinho fez um furo em uma bolinha e enfiou no dedo indicador da mão direita o mostrando para os colegas que a mesma não caia (...)*”, ela brincou com os mais novos, como não havia feito no 1º encontro, fez coisas que não

condiziam com a sua idade, mas os colegas em todo o momento achavam graça e ela continuava com as brincadeiras. Segundo Winnicott em sua teoria de Desenvolvimento Cognitivo (1983), o bebê que se submete a agradar a mãe que não soube identificar suas necessidades primárias, desenvolve um falso *self*, onde irá interagir com a sociedade de forma irreal por todo seu desenvolvimento, no caso de Moreninha (vítima), fez coisas as quais talvez não obtivesse um real desejo, mas para interagir se submeteu a brincadeiras com os menores para agradá-los.

Crespinho marcou presença a partir da 2º observação, pois seria o mais novo e o mais agitado entre o grupo. Ele interagiu com todos, de forma subjetiva, pois estava sempre falando, imitando-os ou realizando respectivas cenas como: *“Eles começaram a oração para agradecer o alimento e enquanto faziam a oração, Crespinho desenhava na mesa com o dedo e ao ver que o Menino espantava e tentava matar moscas começou a se abanar também, imitando seus movimentos (...)”*. Em todo o momento se manteve à parte das ações das meninas, até mesmo por sua idade, não demonstrou entender ou presenciar algum dos fatos. Na 4º observação a Professora grita da cozinha, perguntando quantos são para o lanche? *“Cabeluda faz a contagem apontando com o dedo indicador respondendo, imediatamente o Crespinho gritando imita a resposta da Cabeluda”*, ele se mostra atento a pergunta, mas aguarda a resposta da colega para que possa repeti-la. Ele apresenta comportamentos típicos do Estágio Pré-operacional de Piaget, além de sua idade corresponder a este estágio, ele possui uma linguagem e pensamentos em formas simbólicas como na 6º observação *“Crespinho chama Miudinha para “patinar” 3x, ela o olha e sacode a cabeça que não e ele sai arrastando os pés no chão, simulando uma patinação!”*, realizando um faz de conta como na teoria, o ato de espelho, egocentrismo e irreversibilidade são falhos. Teve um momento em que a Professora brincou com o grupo que o lanche seria só frutas picadas e que se já comeram poderiam se retirar da mesa, *“Crespinho se levanta e sai da mesa dizendo “vamos,*

vamos sair! Ninguém se levanta, ele pára em frente à mesa, apoia as mãos no joelho e balança o bumbum de um lado para o outro, fazendo os colegas rirem (...)” os demais permaneceram sentados, enquanto Crespinho não associou a diferença da escassez do lanche, com o que estariam acostumados a ter. Ele faz parte do Pré porque ainda não domina as operações mentais, faltando pouco para a conclusão deste estágio. Ao contrário de Cabeluda que compreende as operações mentais e domina as operações de subtração e adição, pois já alcançou o Estágio Operacional Concreto (Bee, 1997).

Segundo o teórico Bowlby em sua teoria de apego, podemos perceber no Menino características de um Apego Inseguro Evitativo, ele interagiu com os colegas e a Professora de forma ativa, no entanto quando o pai chegava para buscá-lo, ele ficava quieto e demorava a terminar o lanche, como se não quisesse sair da escolinha para ficar com ele, demonstrando em alguns momentos, não ter pressa de ir embora, como se realmente quisesse ficar no local (Bee, 1997).

A teoria apresenta que a criança interage melhor com estranhos do que com o seu cuidador, apresentando comportamentos de exclusão ou isolamento com o mesmo. Os trechos a seguir apresentam os momentos e os comportamentos do Menino, enquanto seu pai o aguardava: *“A Professora dá um tapinha com a ponta dos dedos na cabeça do Menino, lhe dizendo mais uma vez que seu pai está esperando (...) O Menino come o restante da sua torrada e inclina a sua caneca na boca, terminando de tomar o refrigerante, (...). A Professora vai para a sala de atividades com o Menino e o ajuda a pegar a sua mochila. O Menino coloca a mochila nas costas e enquanto caminha em direção à rua, se despede dos colegas (...)*” as colegas ressaltam o comportamento do Menino com o trecho, *“Cabeluda e Mocinha conversam sobre uma colega da escola enquanto observam a rua e o Menino ir embora. Elas comentam que o Menino vai deixar o seu pai esperando mais ainda porque*

parou para brincar com um cachorro que estava na rua” a fala das meninas mostra, que Menino obtinha estes comportamentos, de fazer seu pai esperar, mostrando que não seria somente na 5ª observação que isto acontecera (Bee, 1997) .

Ficou claro que não houve intervenção por parte da Professora com relação ao *Bullying*, não por negligência da mesma, mas sim por falta de conhecimento do que acontecera na sua ausência. Na 1ª observação a vítima até sai da sala ameaçando contar para a Professora, mas ela retorna logo em seguida sem sabermos, se relatou a responsável o que estava ocorrendo, provavelmente por medo de retaliação não relatou nada, como podemos ver no trecho a seguir: *“Mocinha gesticula muito e começa a imitar Moreninha, fazendo com que a menina saia da sala para reclamar a Professora, enquanto ela está saindo da sala Mocinha diz em alto e bom som “Fala, fala... não to nem aí!” Moreninha retorna a seu lugar após alguns segundos, sentando a ponta da mesa ao lado do Menino, Mocinha lhe encara no fundo dos olhos lhe dizendo “Tu nem falou nada!”*. Na 3ª observação houve novamente a oportunidade da Professora ficar ciente do que estava acontecendo em sua ausência da sala, porém uma das crianças (Cabeluda) protegendo a agressora distorce o acontecimento, dizendo ser ela a responsável pela conversa que foi na verdade iniciada pela agressora, como forma de isolar e humilhar a vítima perante o grupo, por não ter levado algo para o lanche coletivo do dia. Ao ficar ciente a Professora então repreende a Cabeluda e não a agressora, ficando esta novamente impune de seus atos.

Considerações Finais

Diante das observações realizadas, referente à compreensão dos comportamentos e sentimentos gerados em crianças expostas a *Bullying*, podemos considerar que este seja um assunto comum em idade escolar e mesmo que em grupos pequenos e de baixa faixa etária, sendo um problema de contexto mundial. A gravidade dos atos e das consequências geradas

em crianças envolvidas mostra a necessidade de se obter um acompanhamento e enfoque adequado aos danos gerados.

Com uma abordagem clara e acessível a todos a implantação de projetos de prevenção do *Bullying* diminuiria os atos nas instituições. Este trabalho deve ser desenvolvido tanto com alunos quanto com familiares, onde os danos deveriam ser apresentados e trabalhados. Nada adiantaria se os profissionais da área continuassem sem preparo e treinamento para lidar e abordar o assunto. Em muitos casos os professores não identificam o ato inicialmente, fortalecendo o desenvolvimento negativo das agressões, conforme estudos e observações apresentadas.

A Lei Nº 13.474 fala que qualquer tipo de agressão física ou psicológica é "*bullying*" uma prática que é considerada como um crime, que têm punições sérias. *Bullying* é um crime que atormenta e interfere no desenvolvimento de vários jovens, causando-os sérios danos. A Lei "antibullying" já existe, só falta à implantação da mesma nas escolas, onde a legalização resultaria em mais respeito e reciprocidade entre os pares, sem qualquer discriminação racial ou social, tornando o convívio na sociedade mais solidário e justo.

Moreninha tornou-se parte de um grande número de vítimas de *Bullying* apontados por pesquisas, onde a omissão dos fatos e o seu afastamento do local é vista como a melhor opção, ao invés de procurar ajuda e reivindicar os seus direitos.

"Adversidades fazem parte da vida. Ser vítima delas é uma questão de escolha!"

Mauricio Louzada

Referências Bibliográficas

- Camargo, O. Colaborador Brasil Escola – UNICAMP. Acedido em 15 de Setembro, de 2012, em <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>.
- Palácio Piratini (2010), publicado em 28 de junho de 2010. Acedido em 01 Novembro, de 2012, em <http://www.al.rs.gov.br/legis>.
- Louzada, M. Frases motivacionais. Acedido em 05 de Novembro, de 2012, em <http://www.mauriciolouzada.com.br/pparede2.html>.
- Bee, H. (1997) O ciclo vital (cap. 2: **Teorias do desenvolvimento Piaget** - páginas: 66-70) POA, Artes Médicas.
- Bee, H. (1997) O ciclo vital (cap. 6: **Desenvolvimento social e da personalidade na infância** - páginas: 164-179) POA, Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1983) **Distorções do ego em termos de falso *self* e verdadeiro *self***. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre, Artmed.
- Winnicott, D. (1983) **Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo**. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre, Artmed.
- Bandeira, C. M e Hutz, C. S (2012) artigo Bullying: **Prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros**. Revista ABPEE (SP), volume 16, nº 1, pág 35-44.
- Lopez Neto A.A. (2005) artigo Bullying: **Comportamento agressivo entre estudantes**. J Pediatr (RJ) 81 -5 Supl: S164.